

Como podemos ser parceiros e co-construtores de projetos para o futuro dos jovens e das jovens estudantes?

Antes de qualquer coisa, nós, educadores, precisamos descer do pedestal que nos coloca como donos da verdade e do conhecimento e de que os jovens, nível abaixo, são apenas imperfeitos seres que precisam ser moldados, lapidados, adestrados para que se encaixem nos modelos de indivíduos e cidadãos de uma sociedade que nós idealizamos (e para a qual nem sempre damos a suficiente contribuição para que se torne realidade). Depois, é necessários dar-lhes voz, ouvi-los sobre o que pensam da escola e da vida, o que desejam para o presente e para o futuro, e ajudá-los a refletir sobre suas próprias palavras (não apenas ouvir e aceitar o que temos a dizer). Acredito que o desenvolvimento do senso crítico não se dá somente lendo e ouvindo opiniões “inteligentes” sobre temas diversos, mas expressando nossas idéias, fazer com que os outros a compreendam e, num processo dialético, ouvir o outro, tentar compreender suas razões e, partir daí reprocessar nossas idéias. O diálogo, portanto, é o melhor caminho para que construamos uma escola em que os alunos se sintam co-autores de sua história e de seus sonhos e objetivos.

Devemos, também, considerar que cada aluno é um ser diferente, com expectativas e preocupações diferentes. A escola deve respeitar essa diversidade e tentar, dentro de suas possibilidades, atender aos seus anseios, possibilitar que desenvolvam suas aptidões, que invistam na construção de seus ideais, criar espaços para a expressão de suas habilidades e talentos. Quando os alunos se sentem valorizados e participantes da construção de um ambiente, a responsabilidade e o zelo pelo espaço que ocupam também cresce. E que possam, dentro dos limites da convivência, fazer as escolhas que contribuirão para essa construção. Assim, estarão também aprendendo a fazer as escolhas no futuro, no seu trabalho, na sua família, na sua comunidade. Como podemos dizer para nossos alunos que estamos ensinando eles a fazer a escolha certa no futuro se não damos possibilidades de fazerem escolhas no presente?

Isso é o que o texto do Caderno II do Curso de Formação chama de experiência participativas. “A experiência participativa representa uma das formas de os jovens vivenciarem processos de construção de pautas, projetos e ações coletivas. Além disso, a experiência participativa também é importante por permitir a vivência de valores, como os da solidariedade e da democracia, e o aprendizado da alteridade. O que significa, em última instância, aprender a respeitar, perceber e reconhecer o outro e suas diferenças. O exercício da participação pode ser, então, uma experiência decisiva para a vida dos jovens um efetivo contraponto – em uma sociedade que, ao se individualizar, enfraquece ideias, valores e práticas relacionadas à dimensão coletiva da vida social.”

O que podemos, afinal, fazer em nossa escola para construirmos esse ambiente de colaboração?

Seguem algumas sugestões:

- ampliar a participação dos alunos nos órgãos de decisões da dinâmica da escola: Conselho Escolar, Grêmio Estudantil, Conselho de Representantes;
- inseri-los na organização dos eventos da escola;
- diversificar as atividades extra-classe, permitindo criar espaços para a expressão dos alunos;
- promover atividades desportivas e recreativas, com participação efetiva dos alunos na organização e execução;

- oferecer cursos extra-curriculares, para desenvolvimentos das aptidões: música, dança, teatro, artesanato, meio-ambiente, desenho.
- promover debates sobre questões polêmicas, enquetes e sondagens sobre opiniões e interesses dos alunos;
- promover exposições de trabalhos dos alunos e festivais;
- ajudar a reativar a Radio Escola e o Intervalos Cultural;
- ajudar a reativar o Jornal do Cedlan.

Ademir A. Martinello

27/05/2014